

sindicato nacional dos quadros e técnicos bancários

# news snqtb

# 59

maio 2021

Balanço das **manifestações**  
contra despedimentos  
unilaterais no  
**Banco Santander**





**Tiago Teixeira**  
Diretor Nacional,  
Pelouros Marketing  
e Comunicação

Neste número da sua newsletter, damos amplo destaque ao Banco Santander. Num abrir e fechar de olhos, já passaram nove meses desde que o nosso Sindicato começou a seguir a reestruturação em curso. Um processo que está bem vivo no dia a dia dos bancários que o estão a sentir na pele. Um contexto de profunda incerteza que não tem sido também ignorado pelos restantes trabalhadores do Banco que vivem dias de enorme ansiedade com o receio de um telefonema ou email que poderá mudar as suas vidas.

Desde setembro de 2020 que todos os sócios deste Banco têm sido acompanhados pelas nossas delegações, pela comissão sindical do SNQTB no Santander, pelo departamento jurídico e pela direção do Sindicato. Sete dias por semana, a qualquer hora, literalmente, como alguns bancários são disso testemunhas. Tal como é sua obrigação, o SNQTB não tem poupado meios para defender os seus sócios. É a história do que foram estes nove meses que aqui relembramos. Uma narrativa necessariamente incompleta, por limitações de espaço, mas também porque parte do próprio processo ocorre através de conversas confidenciais. Ainda assim, um bom resumo de como aqui se chegou, como teria sido possível, e ainda é possível, pela via do diálogo, encontrar uma solução justa e razoável, que incorpore e integre nos processos de decisão os interesses dos shareholders, mas também dos restantes stakeholders, a começar nos trabalhadores e não ignorando o interesse nacional.

Não temos receio de usar os meios ao nosso alcance, se a isso obrigados pela irreduzibilidade de terceiros. Não temos receio de sermos os únicos a nos manifestarmos publicamente em defesa dos trabalhadores do Santander. É nosso dever e nossa obrigação tudo fazer para defender os bancários, tal como entendemos o mandato e o compromisso que assumimos quando fomos reeleitos em 2019.

Isto dito, as recentes manifestações que aqui se recordam geraram inúmeros apelos para que se retomasse o diálogo. Na verdade, o SNQTB nunca se furtou ao diálogo. Não tem faltado diálogo. O que tem estado em falta, da parte da administração do Banco, é a vontade de alcançar um compromisso e de fazer o esforço necessário para esse efeito.

Ainda assim, para que não haja cortinas de fumo, dialoguemos. Regressemos então ao diálogo assumindo que a proposta de despedimentos unilaterais foi colocada em definitivo na prateleira das ideias pouco ou nada amadurecidas.

Abro aqui um parêntesis para chamar a sua atenção para a entrevista com Eduardo Teixeira, nosso colega bancário, atualmente deputado à Assembleia da República e membro do Conselho Diretivo do SAMS Quadros, que, falando sem ser de qualquer caso particular, salienta precisamente que "a falta de diálogo entre entidades patronais e sindicatos não é saudável para a paz social que os portugueses precisam no atual momento pandémico e de crise sanitária".

Ora, fechando o parêntesis e regressando ao Santander, da nossa parte, estamos sempre disponíveis para dialogar e para fazer um esforço de reciprocidade na busca de compromissos. De notar, todavia, que dialogar não é um fim em si mesmo. Como se refere nesta newsletter, o diálogo é um instrumento. Compete, pois, à administração do Santander fazer bom uso do seu relançamento para apresentar propostas que, finalmente, permitam encontrar soluções exequíveis e que incorporem os interesses de todos os stakeholders e não apenas dos shareholders espanhóis.

## SAMS Quadros



# PAGUE 1 LEVE 2

*na compra de uns óculos de sol  
oferta do segundo par*

**Condições da campanha:**

- Válida para modelos em stock em loja;
  - Válida de 7 de maio a 31 de julho de 2021 nas Óticas SAMS Quadros de Lisboa e Porto; e,
  - Não acumulável com outras campanhas, descontos, protocolos, talões ou vouchers.
- Consulte as condições nas Óticas SAMS Quadros.







**Eduardo Teixeira**  
Deputado à Assembleia  
da República e membro  
do Conselho Diretivo  
SAMS Quadros

“A falta de diálogo entre entidades patronais e sindicatos não é saudável para a paz social que os portugueses precisam no atual momento pandémico e de crise sanitária.”

**Faz parte do Conselho Diretivo SAMS Quadros (CDSQ), que realizou no passado mês um webinar sobre tratamentos em Oncologia. Esta é uma área com tratamentos experimentais e fármacos cujos preços estão a gerar forte pressão financeira. É essa a sua leitura?**

As doenças oncológicas são um enorme flagelo que urge priorizar e combater, pois é a segunda causa de morte em Portugal, com 24% de óbitos por tumores malignos.

Ao longo da última década tem vindo a verificar-se uma maior incidência de casos, o que se traduz numa maior pressão nos custos de tratamentos e nos fármacos. Daí resulta que, no geral, há um trabalho clínico e técnico a ser feito, na análise custo-benefício de cada novo fármaco, contribuindo para a seleção das tecnologias verdadeiramente diferenciadoras e inovadoras para os doentes e para a sociedade.

**Este tema tem vindo a ser debatido no CDSQ? Como tem visto o trabalho desenvolvido pelo SNQTB nesse âmbito?**

Sendo um assunto prioritário, assume uma posição central na análise e preocupação do SAMS Quadros, que tem feito o seu trabalho, no sentido de prestar uma boa assistência médica e proteção aos bancários. Mas o SAMS Quadros não deixa também de se preocupar com a sustentabilidade e transparência do sistema, analisando as várias componentes dos custos associados às tipologias de doenças oncológicas, no sentido de permitir conhecer, comparar e controlar os resultados, que se esperam sempre com sucesso.

**Antes de assumir funções enquanto deputado à Assembleia da República, foi secretário-geral da União dos Sindicatos Independentes (USI). Como avalia o atual momento do sindicalismo e da USI em particular?**

Vivem-se tempos conturbados em Portugal, e a democracia exige acordos sociais no mundo do trabalho pela via da negociação com os representantes dos trabalhadores. A falta de diálogo que se verifica entre entidades patronais e sindicatos não é saudável para a paz social que os portugueses precisam e merecem no atual momento pandémico e de crise sanitária.

O sindicalismo independente dos poderes políticos, protagonizado pela USI – Confederação Sindical, tem tido um papel importante e de afirmação, o que faz muita falta à democracia, na medida em que os acordos sociais no mundo do trabalho têm de ser desenvolvidos por sindicatos verdadeiramente independentes. Os portugueses precisam de paz social e não de guerras de poder.

**Enquanto bancário de profissão, como vê o atual momento do setor em Portugal?**

No geral, há uma excessiva exposição da banca portuguesa aos capitais estrangeiros. Devia ser um desígnio nacional a procura de um saudável equilíbrio entre o capital privado português – e consequentes centros de decisão – e o capital privado estrangeiro. Não quero com isto defender que a banca estrangeira não deve operar em Portugal. Pelo contrário. Defendo um setor diversificado, estruturado, universal e concorrencial. No entanto, a ausência de capital privado português na banca nacional está a tornar-se num enorme problema. E devia ser ao contrário, para bem da nossa economia, para bem de todos nós.

Acresce que, após um período de capitalização bancária pelo Estado, que decorreu na última década, tudo indica que iremos ter com o fim das moratórias um grande desafio para a sustentabilidade bancária. Diria mesmo que se aproxima a hora da verdade do setor financeiro.

A estratégia do Governo tem passado por colocar a pressão, inevitavelmente, do lado da banca, nomeadamente através de crédito protocolado ou moratórias. Porém, muito pouco está a ser feito para garantir a reposição dos montantes de reembolso e juros, o que é uma enorme preocupação para os portugueses, e para os bancários na manutenção dos seus postos de trabalho.

**Uma pergunta indiscreta. Estamos na altura do ano em que todos entregamos as nossas declarações de IRS. Já escolheu uma instituição para consignar 0,5% do seu IRS?**

Com o nosso IRS, podemos ajudar quem mais precisa, sem nos custar nada. Apenas temos que ser solidários. Se consignarmos 0,5% do nosso IRS para uma causa social, não pagamos mais impostos por isso, mas ajudamos quem mais precisa.

Respondendo à sua pergunta, sim, já escolhi uma instituição. A Fundação Social Bancária é uma das inúmeras instituições que, com a nossa solidariedade, pode ajudar a fazer a diferença na vida de algumas pessoas, nomeadamente colegas bancários.

## Banco Santander: e agora?

### Necessidade e urgência de sair à rua em protesto

Desde maio de 2019 que o Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários (SNQTB) não se mobilizava para sair à rua em defesa dos bancários. Desde maio de 2019 que os trabalhadores não se organizavam também eles para fazer ouvir o seu protesto. Numa daquelas ironias em que a história é proficua, precisamente dois anos depois, este Sindicato voltou a ter de defender os bancários de forma mais musculada.

A diferença é que em 2019 o alvo da contestação foi o Millennium bcp e agora é o Banco Santander que está em causa. No passado, tal como no presente, o propósito de sempre na defesa dos trabalhadores.

Mas falemos do presente. Confrontado com uma decisão unilateral da parte da administração do Santander, decisão essa profundamente lesiva dos interesses dos trabalhadores, nos dias 11 a 13 de maio, os bancários fizeram ouvir a sua voz em Lisboa, Porto e Coimbra, respetivamente, em defesa dos seus direitos. Nestes três dias, os bancários saíram à rua em manifestações públicas com ampla participação e eco mediático. Jornais, rádios e televisões levaram a sua voz e justa causa até aos portugueses.

Em retrospectiva, o balanço destes três dias de manifestações de protesto não poderia ser mais positivo. Importa lembrar, todavia, o que aconteceu nos últimos nove meses.



### Como chegámos aqui?

O SNQTB tem estado, desde o início, na primeira linha de ação em defesa dos trabalhadores. Em outubro de 2020, o Sindicato emitiu o seu primeiro comunicado (nº 23). Confrontado com um processo desencadeado pelo Banco Santander, em que apresentava propostas de rescisão por mútuo acordo (RMA) e convocava os trabalhadores para a realização de reuniões, com um representante dos Recursos Humanos e um consultor externo, o SNQTB de imediato apelou aos seus sócios desse Banco para que:

[a] após a realização da primeira reunião contactassem a comissão sindical do SNQTB no Banco Santander para o devido acompanhamento; e,

[b] na segunda reunião estivessem acompanhados, presencialmente ou por via de meios tecnológicos adequados, por advogados do Departamento Jurídico e de Contencioso Laboral (DJUCL) deste Sindicato.

Nos dois meses seguintes, inúmeros trabalhadores foram contactados pelo Banco no sentido de lhes ser oferecida uma proposta de RMA e nalguns casos de pré-reforma. O DJUCL deu assistência jurídica a todos os sócios do Santander que a solicitaram. Foram meses intensos, dias longos de trabalho e de muita preocupação. Nos bastidores, a direção do Sindicato e a comissão sindical não poupavam esforços no sentido de informar e ajudar os sócios. Os últimos meses de 2020 seriam o princípio de uma estrada que se viria a revelar longa e nem sempre amigável.

Em outubro de 2020 (e depois em fevereiro de 2021), o SNQTB organizou plenários com o intuito de informar os sócios e de responder às suas questões. Foram plenários com forte afluência, nos quais os trabalhadores, com as suas questões, por vezes revelavam a sua revolta e geralmente muita preocupação.

Na prática, o processo de reestruturação, que o Banco Santander insistia em negar que existia e que até muito recentemente persistiu em não reconhecer, foi literalmente acompanhado desde a primeira hora, de forma diária, pelo Sindicato através dos mais diversos canais e nos mais variados fóruns.

As semanas foram passando, chegou o Natal e seguiu-se a passagem de ano. No novo ano é hábito pedir 12 desejos. Da parte deste Sindicato, um único desejo: ano novo, vida nova. O SNQTB tinha a esperança que o ano trouxesse uma nova atitude da parte da administração do Santander, privilegiando um diálogo substantivo e abertura para ir ao encontro das justas reivindicações dos trabalhadores. Foi isso que aconteceu?



Nem por isso. Ao Sindicato continuavam a chegar relatos de pressões que, nalgumas circunstâncias, estariam muito próximo do inaceitável. O SNQTB reagiu de imediato e disso o seu primeiro comunicado de 2021 dava nota: tolerância zero para situações de assédio moral. O Sindicato criou, aliás, um endereço de email específico para esse efeito [denuncia.assedio@snqtb.pt], ao qual apenas tinham, e têm, acesso o presidente e o coordenador do DJUCL. Para atuar, o Sindicato deixava claro que precisava de provas. Igualmente importante, era sinalizado a terceiros que não haveria qualquer receio de levar quem quer que fosse a tribunal por atos de assédio moral.



Indiferente à crise pandémica, a administração do Banco Santander prosseguiu com o processo de reestruturação, ignorando os apelos do SNQTB para que o suspendesse. A 4 de fevereiro, o Sindicato emitiu um comunicado (nº 4) em que revelava que interpelou o Banco Santander, com vista a que cessasse um conjunto de condutas que colocavam em causa os direitos dos trabalhadores, como sejam:

- [a] a retirada, alteração ou não atribuição de funções a trabalhadores para apresentação de proposta de RMA;
- [b] a insistência nas propostas de RMA aos trabalhadores que as recusaram;
- [c] o recurso a meras instruções verbais para os trabalhadores deixarem de se apresentar no local de trabalho;
- [d] a colocação de trabalhadores em regime de teletrabalho mesmo quando anteriormente o Banco considerou que essas funções tinham de ser exercidas no local de trabalho; e,
- [e] o incumprimento do aviso prévio de 30 dias quanto à transferência de local de trabalho ou omissão de indicação do local onde os trabalhadores deveriam apresentar-se no caso de encerramento de balcões.

No início de março, seguiu-se novo comunicado (nº 7), desta vez saudando a decisão da administração do Banco de admitir a possibilidade de adesão voluntária dos trabalhadores quanto a propostas de RMA e/ou de reforma antecipada. Na verdade, porém, nas semanas posteriores, o Santander não criaria as condições que poderiam permitir aos trabalhadores simular, de forma anónima, as condições que teriam se aderissem ao processo de reestruturação. Claro está, a iniciativa fracassou ainda antes de começar.

Com o relógio a correr e o tempo a passar, e sem que o Banco conseguisse a adesão que pretendia às propostas de RMA, ou de reformas antecipadas, eis que, finalmente, a administração do Santander reconheceu publicamente, pela primeira vez, que estava a decorrer um processo reestruturação. Tal ocorreu a 28 de abril, na apresentação dos resultados do primeiro trimestre, em que o Banco anunciou uma provisão de 164,5 milhões de euros para fazer face a uma reestruturação. Mais importante, nesse mesmo dia o Santander revelou que iniciara procedimentos tendentes a uma redução unilateral que incluiria entre 100 e 150 trabalhadores.



## Gota de água que faz transbordar o copo

Perante o anúncio de despedimentos unilaterais e face ao extremar da situação, objetivamente rompendo o diálogo em curso nos bastidores, o SNQTB emitiu novo comunicado (nº 10), deixando bem claro que:

- [a] rejeitava qualquer medida unilateral do Banco que mais lucros teve e tem em Portugal;
- [b] o Santander tinha em curso um plano de reformas antecipadas por acordo, opção que deveria continuar a ser a matriz a seguir;
- [c] reiterava que desconhecia que reestruturação queria a administração e que Banco resultaria dessa reestruturação;
- [d] as medidas unilaterais relativas ao despedimento de 100 e 150 trabalhadores constituíam uma grave e precipitada cortina de fumo que o Sindicato não aceitaria; e,
- [e] defenderia os sócios em todas as frentes: perante a administração do Banco, em Portugal e em Espanha, em cada local de trabalho, na praça pública e na comunicação social, junto do Governo e dos Grupos Parlamentares. E nos Tribunais, se for esse o caso.

A situação assumia novos contornos e acrescida gravidade. Assim, a 30 de abril, o SNQTB publicava no Expresso, Jornal Económico e Público uma carta aberta em que questionava se o lucro justificava o sacrifício dos bancários portugueses e se os mesmos eram objetos descartáveis.

Seguiram-se dias de intensa atividade, com reuniões várias e a análise de cenários, bem como contactos acrescidos de bastidores. A leitura consensual entre os membros da direção do Sindicato era apenas uma: a irredutibilidade da administração do Banco obrigava o SNQTB a subir a fasquia para defender os bancários. E assim foi.



## Inevitabilidade das manifestações

A direção do SNQTB e a comissão sindical do Banco não tinham dúvidas. Tudo teria de ser feito para defender os trabalhadores do Santander. E perante a atitude musculada da administração do Santander não restava alternativa: teriam de ocorrer manifestações públicas de desagrado e de protesto. Afinal de contas, em Portugal, despedimentos unilaterais na banca não seriam em circunstância alguma uma opção tolerável. Essa era uma travessia de um Rubicão sindical que não poderia ser ignorada.

Assim, a 3 de maio, o SNQTB anunciava em novo comunicado (nº 11) que iria protestar contra os despedimentos unilaterais no

# sindical

Santander. Perante uma medida injusta, inqualificável e injustificada, o Sindicato iria organizar manifestações entre 11 e 14 de maio, em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro, respetivamente. A reação do SNQTB seria clara, pública e afirmativa.

Contudo, numa manobra de última hora, a administração do Banco anunciava o adiamento dos despedimentos unilaterais, com isso procurando isolar o Sindicato e fazer abortar as manifestações.

Os dados, porém, estavam lançados. O Banco dava um primeiro sinal de que as medidas tomadas pelo SNQTB começavam a surtir os efeitos desejados, ainda que insuficientes. Adiar os despedimentos unilaterais, porém, não significava suspender sine die, e a provisão de 164,5 milhões de euros para redução de pessoal continuava, como era evidente, nas contas do Banco Santander.

Face ao anúncio do Banco, no seu novo comunicado (nº 12), a 7 de maio, o SNQTB:

[a] relembrava que este processo de reestruturação estava a ser acompanhado desde o seu início em setembro de 2020;

[b] deixava claro que nunca poderia permitir que linhas vermelhas fossem ultrapassadas sem que tal desencadeasse uma reação vigorosa em defesa dos direitos dos bancários;

[c] salientava a importância de se prosseguir um processo consensual, com respeito pelos direitos dos trabalhadores, prolongado no tempo, proporcional e ajustado à realidade do Banco; e,

[d] reiterava a sua disponibilidade para continuar a dialogar com o Santander, uma abertura e disponibilidade que, apesar de diversas rondas negociais entre o Banco e o Sindicato, tinha vindo a ser desperdiçada pela administração do Santander.

Com o diálogo num beco sem saída, chegava a vez da rua.



## Três dias de pressão alta

As manifestações de protesto público, como era esperado, contaram com a presença de inúmeros bancários e o apoio discreto de muitos outros. Em Lisboa, no dia em que era igualmente publicada uma grande entrevista com o presidente do Sindicato, Paulo Gonçalves Marcos, no jornal i, os bancários em frente à sede do Santander na Rua Ramalho Ortigão fizeram ouvir bem alto a sua voz. Com ampla cobertura mediática, a insatisfação dos trabalhadores e do Sindicato face aos despedimentos unilaterais foi amplamente divulgada, perante o evidente e natural desconforto da administração do Santander.

O protesto continuou no Porto, no dia seguinte, e em Coimbra, no dia subsequente. Três dias de pressão alta, participação robusta dos bancários, e de legítima expressão da insatisfação que percorre o Banco que apresenta dos melhores resultados operacionais na Europa.

Nos bastidores, o SNQTB preparava, entretanto, uma nova ronda de manifestações em Braga, Leiria e Setúbal, ao mesmo tempo que equacionava a extensão do protesto a Espanha. O desconforto da administração do Santander era, contudo, crescente, o que fez com que recrudescessem nestes três dias os contactos de bastidores.

E face aos múltiplos apelos para que se voltasse de novo à mesa do diálogo, tendo em larga medida concretizado os seus objetivos, o SNQTB deu o benefício da dúvida à administração do Banco e decidiu cancelar a manifestação que decorreria em Faro, a última das quatro manifestações iniciais, uma vez mais reiterando que será sempre parte da solução e não do problema.



## E agora?

Agora compete à administração do Santander saber ler os sinais. Naturalmente, o SNQTB não prescinde do recurso a outros instrumentos para salvaguardar os direitos dos trabalhadores do Banco. Os despedimentos unilaterais não serão tolerados e o regresso aos protestos continuará a ser uma opção. Importa ainda referir que, em finais de abril, o Conselho Geral do Sindicato deu mandato à sua direção para recorrer à greve e ao fundo de greve, se necessário.

Isto dito, o tempo é agora de relançamento diálogo. Essa é, pelo menos, a expectativa face aos apelos lançados e às tentativas de mediação que ocorreram. Um diálogo que, decorridos nove meses de intensa atividade sindical em defesa dos direitos dos trabalhadores do Santander, permita encontrar uma solução razoável e ajustada à realidade do Banco. Um diálogo que obrigatoriamente salguarde os legítimos interesses dos trabalhadores. Em suma, um diálogo construtivo com o Santander, que seja do interesse de todos os stakeholders e não apenas dos shareholders.

Todavia, o diálogo em si mesmo não é um objetivo. É um instrumento. Compete, pois, à administração do Santander fazer bom uso do seu relançamento para apresentar propostas que, finalmente, permitam encontrar soluções exequíveis.





**João Soares**  
Delegação de Viseu



Luís Aguiar-Conraria,  
**A culpa vive solteira**  
(Clube do Autor, 2021).



Leonard Cohen,  
**The Moon's Too Bright**  
(2020).



**Maria Antónia Mota**  
Delegação de Leiria



Mia Couto, **O mapeador de ausências**  
(Caminho, 2020).



NEEV,  
**Philostry**  
(Universal, 2020).



**Pedro Rola**  
Comissão Sindical  
Millennium bcp



João Céu e Silva,  
**Uma longa viagem com Vasco Pulido Valente**  
(Contraponto, 2021).



UHF, **Aula Magna: 40 anos numa noite**  
(Aiemera, 2020).



**Rui Coelho**  
Delegação da Covilhã



Hélder Reis,  
**Nação valente**  
(Planeta Editora, 2020).



Os Quatro e Meia,  
**O tempo vai esperar**  
(2020).

## Livros para Grandes Leitores



Quando, um dia, um estranho aparece, exausto e só com uma mala, todos ficam curiosos. Porque é que ele está aqui? De onde é que veio? E o que estará dentro da mala? Uma história repleta de ternura e esperança sobre a forma como tratamos quem precisa de nós.

Chris Naylor-Ballesteros  
(autor e ilustrador),  
**A mala** (Edicare, 2021).



Quando a gaveta mágica das histórias que existe na cabeça dos avós fica subitamente vazia, é sinal de que algo se passa. Ele gostava tanto das histórias que a avó costumava contar-lhe todas as noites, ao adormecer. Foi então que o Santiago abriu a sua própria gaveta mágica das histórias e surpreendeu tudo e todos com a sua imaginação!

António Mota (autor) e  
Cátia Vidinhas (ilustradora),  
**A gaveta mágica** (Asa, 2021).



Vem conhecer os animais selvagens com quem partilhamos as nossas cidades. As ruas, os edifícios, os parques, os rios e os jardins são também o lar de várias espécies de animais selvagens, como doninhas, pinguins, pumas, guaxinins e muitos outros. Vais reconhecer alguns. Na tua própria casa!

Ben Hoare (autor) e  
Lucy Rose (ilustradora),  
**A vida selvagem na cidade**  
(Lilliput, 2021).

# Rede de Bem-Estar e Família - REBEF

## REBEF: NOVOS PROTOCOLOS

O SNQTB criou uma rede de prestadores seleccionados com quem foram negociadas condições especiais na aquisição de produtos ou utilização de serviços ligados ao bem-estar, lazer e família. Esta iniciativa decorreu do crescente interesse dos sócios e beneficiários relativamente a áreas ligadas à estética e cirurgia plástica, massagens, termalismo, apoio domiciliário, entre outras, que não são suscetíveis de serem comparticipadas pelo SAMS Quadros.

Assim, no sentido de ir ao encontro destes interesses, o Sindicato estabeleceu protocolos com empresas seleccionadas. O objetivo passa por ter acordos com as empresas mais relevantes de cada área de atividade e que apresentem dispersão nacional, de modo a abranger a maioria dos sócios e beneficiários. Para mais informações, viste o nosso website em [www.snqtb.pt](http://www.snqtb.pt) [menu Atividades e Parcerias, submenu REBEF].

rebef

Rede de Bem-Estar e Família



10%

desconto nas mensalidades dos cursos regulares.



Educação



10%

desconto nas mensalidades dos cursos.



Educação



15%

desconto em todos os artigos.



Moda e Design



desconto de 25%

na inscrição no Programa Clássico.



Tratamentos Termais

CAMPANHA

# DESCONTO EXTRA

Campanha válida até 31 de julho de 2021. Não acumulável com outras campanhas, descontos, protocolos, talões ou vouchers. Consulte o regulamento em loja.

# 30% +10%

Corresponde a 40% desconto direto na compra de óculos de sol quando associado à compra de armação mais lentes oftálmicas.



ÓTICA  
SAMSQUADROS

Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários  
Rua Pinheiro Chagas, 6  
1050-177 Lisboa

Diretor da Newsletter: Tiago Teixeira.  
Edição, Redação e Design: SNQTB.  
Impressão e Acabamento: Portofolio Lda.  
Periodicidade: Mensal.  
Tiragem: 22 000 exemplares.



213 581 800

213 581 888

assistência médica  
domiciliária e aconselhamento  
médico telefónico



sams.quadros@snqtb.pt



instagram



facebook



linkedin



youtube



website

